

## AS ILUSÕES PERDIDAS DE BALZAC: A GÊNESE DO JORNALISMO

**Autor:**

Aidil Soares Navarro<sup>1</sup>

**Resumo**

O principal objetivo deste artigo é fazer uma descrição do *ethos* do jornalismo desde o seu surgimento até a contemporaneidade focalizando as transformações por que ele passou ao longo do tempo. Os anais da historiografia moderna apontam que as primeiras décadas do século XIX, na França, foram assinalados por um acontecimento inédito, original, que deixaria traços marcantes na mídia jornal Ocidental. Nesta época Honoré de Balzac redigira *Ilusões Perdidas* – obra considerada como a precursora da literatura de massa – que revela os bastidores da jovem mídia jornal que viera para ficar enquanto meio de informação e comunicação. Neste artigo procura-se evidenciar que a irrupção da imprensa jornalística funcionou como mola-propulsora para a deflagração das grandes mídias que surgiriam, de fato, no século XX: o rádio, a televisão e mais recentemente a *internet* e todas as suas interfaces para a modulação da informação e da comunicação. Balzac (1799-1850) preconizou que com o advento da imprensa jornalística há uma popularização das informações e o jornal passa a representar uma extensão do indivíduo comum. Além disso, o novo modelo cultural aponta a importância dos profissionais do jornalismo responsáveis pela formação ideológica de seu novo público leitor. Souza (2006) em *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media* faz uma abordagem relevante a respeito das estratégias e atividades de comunicação em sociedade exercidas pelo jornalismo apontando os modelos bem como os elementos básico da teoria do jornalismo que contribui muito para o desenvolvimento do artigo em questão. As contribuições de Charaudeau (2018) em *Discurso das mídias e Discurso político*; Aristóteles (2000), em *Retórica das paixões*; Ferreira (2010), em *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*; Van Dijk, em *Discurso e poder* bem como *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, de Fiorin (2008), complementam a escrituração desse estudo.

**Palavras chaves:** Balzac. Ethos. Jornalismo. Comunicação. Gênio.

### BALZAC'S LOST ILLUSIONS: THE GENESIS OF JOURNALISM

**Abstract**

*The main objective of this article is to describe the ethos of journalism from its inception to contemporary times, focusing on the transformations it has undergone over time. The annals of modern historiography point out that the first decades of the 19th century, in France, were marked by an unprecedented, original event, which would leave remarkable traces in the*

---

<sup>1</sup> Doutorado em Ciências da Informação- Especialidade: Jornalismo e Estudos Mediáticos pela Universidade Fernando Pessoa, cidade do Porto, Portugal, docente e coordenadora educacional pelo Centro Educacional Abrange-ABC. E-mail: aidil@abrangeursos.com.br

*Western newspaper media. At this time, Honoré de Balzac wrote *Illusions Perdidas* – a work considered as the precursor of mass literature – which reveals the backstage of the young newspaper media that had come to stay as a means of information and communication. This article seeks to show that the irruption of the journalistic press worked as a springboard for the deflagration of the great media that would emerge, in fact, in the 20th century: radio, television and more recently the internet and all its interfaces for the modulation of information and communication. Balzac (1799-1850) advocated that with the advent of the journalistic press there is a popularization of information and the newspaper starts to represent an extension of the common individual. In addition, the new cultural model points to the importance of journalism professionals responsible for the ideological formation of their new readership. Souza (2006) in *Elements of Theory and Research of Communication and Media* makes a relevant approach to the strategies and activities of communication in society carried out by journalism, pointing out the models as well as the basic elements of journalism theory that contribute a lot to the development of the article in question. Charaudeau's contributions (2018) in *Media discourse and Political discourse*; Aristotle (2000), in *Rhetoric of the Passions*; Ferreira (2010), in *Reading and Persuasion: Principles of Rhetorical Analysis*; Van Dijk, in *Discourse and Power as well as Fiorin's Introduction to Bakhtin's Thought* (2008), complement the writing of this study.*

**Keywords:** Balzac. Ethos. Journalism. Communication. Genius.

## **Introdução**

Este artigo propõe um diálogo entre *Literatura* e *Jornalismo* procurando evidenciar de que maneira essa interlocução é importante no processo de interação entre os leitores e as notícias dirigidas a eles. Balzac – escritor francês do século XIX – foi um homem de gênio e pioneiro na *Literatura* na época em que esse tipo de mídia era substituída pelo imprensa jornalística (*Jornalismo*) que dava os seus primeiros passos e se consolidava como meio de comunicação midiática de massa. Este preâmbulo acerca do gênio no Jornalismo suscita uma interrogação: O que é um “homem de gênio” do ponto de vista linguístico? Ao termo “gênio”, segundo a Semântica, cabe-lhe pelo menos a atribuição de dois significados. *A priori*, de fato, um homem de gênio (ou genioso, temperamental, mal-humorado) não é aquele a quem a cólera e o sentimento de prepotência cuida de diminuir a outrem, pois apenas estes dois qualificativos o tornam uma pessoa incompleta e não obstante desequilibrada. Por outro lado, *a posteriori*, o homem de gênio (inventivo, intuitivo, visionário), com efeito, pode ser considerado como equilibrado e, geralmente, supõe-se que não há lacunas em seu desenvolvimento. E seu legado ultrapassa a barreira do tempo. É notório que homem dessa extirpe é extraordinariamente raro e dir-se-ia que todos aqueles que se consideram ou são considerados gênios o são por causa de um único motivo: seu destaque numa área do conhecimento humano que o torna *per se* só

diferente de todos os outros. Ademais, o homem de gênio cultivava uma faculdade, uma aptidão que se desenvolveu além da medida. Nessa segunda acepção se inscreve o gênio de Honoré de Balzac que revolucionou o mundo do *Jornalismo* oitocentista francês com a publicação do livro *Ilusões perdidas* (*Illusions perdues*) – obra-prima que retrata os subterrâneos do jornal do século XIX francês.

### **O ethos da imprensa jornalística**

O *ethos* da imprensa jornalística é o próprio jornal representado pelos jornalistas e colunistas, que assume a posição de orador no processo de comunicação, informação e interação entre seu auditório, seus leitores de notícias, seja por intermédio de material impresso ou eletrônico veiculado pela mídia *internet* e suas interfaces. Já se sabe consoante com Aristóteles (2000) que por herança tradicional se pensa o ato de persuadir como a adesão do auditório a teses que são expostas por um determinado orador sob uma determinada circunstância e que a ação retórica necessária à persuasão pode se referir ao ato de aconselhar ou desaconselhar – discurso deliberativo –, condenar ou inocentar – discurso judiciário e o apodítico – para louvar ou censurar. Cada um desses três tipos de discurso retórico voltado à persuasão do auditório tem uma função.

O discurso deliberativo e/ou político se propõe a ações vindouras visto que se pode aconselhar ou desaconselhar coisas que estão ainda por vir. Inspira, pois esse tipo de discurso decisões e projeto futuros. A título de ilustração pode-se conjecturar que em um *Modelo Autoritário de Jornalismo*, quanto à sua veiculação e difusão pública, as instituições governamentais podem preconizar/aconselhar à imprensa jornalística de que “o jornalismo não pode ser usado para promover mudanças, para criticar o governo, os governantes e o estado ou para minar as relações de poder e a soberania. As diferenças de pontos de vista são tidas como desnecessárias, irresponsáveis ou até subversivas” (Sousa, 2006, p. 197). Já o *ethos* do discurso judiciário se refere a ações passadas uma vez que só se pode condenar ou inocentar a outrem por meio da apresentação de fatos e/ou acontecimentos que já se deram num espaço e tempo ; em outras palavras: não se pode acusar ou defender um réu por atos que ainda não foram praticados por eles. Por fim, o discurso apodítico se refere a um tempo presente para conseguir a adesão do auditório para louvar ou criticar se bem que utilize fatos passados ou futuros como provas para a persuasão do ouvinte. Na introdução de *Ilusões perdidas* Paulo Rónai retrata uma crítica

“presente” de Balzac quanto à questão do poder jornalístico, porém, se referindo ao “passado” e ao “futuro” do jornal. “Sua observação divinatória permitiu-lhe antever o imenso poder concentrado nas mãos do jornalista, e com o seu pessimismo inato todos os abusos a que esse poder se prestava” (Balzac, 1978, p. 9).

Por outro lado, os avanços das tecnologias digitais fizeram com que os jornais afinassem e adequassem a construção do seu *ethos* identitário por meio de ferramentas que atendessem a esse novo mecanismo de se informar e se comunicar com a sociedade e com o mundo, o que os obrigaram à criação de um modelo de produção jornalística baseado na integração de meios e na complementaridade de conteúdos informacionais e comunicacionais (redes sociais, *Blogs*, *Tweeters*, *Wordpress*, *WhatsApp*, entre muitos outros). Com essa afinação e adequação ao atendimento das necessidades de seu auditório, a forma de divulgação da notícia serve mais à construção do *ethos* do jornal e por extensão acaba por reforçar seus contratos comunicativos com o público leitor/telespectador, garantindo-lhe confiança e credibilidade. Por meio dessa inovação locutor, orador, e o interlocutor, auditório, passaram a ser cúmplices nas situações e ações de comunicação de forma que:

Todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge. A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. (...) A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico. [...] Não somente todo locutor deve submeter-se às suas restrições, mas também deve supor que seu interlocutor, ou destinatário, tem a capacidade de reconhecer essas mesmas restrições (Charaudeau, 2018, p. 67-68).

Sob esta perspectiva, *a priori*, o *ethos* do jornal – por meio de sua ação retórica – não deve, apenas, criar as *condições específicas das situações* do discurso utilizado na ação comunicativa; deve, por outro lado, persuadir e convencer seu auditório/leitores. É importante traçar uma distinção entre persuasão e convencimento. Para Ferreira (2010), persuadir significa mover o auditório pelo coração por meio da exploração emocional buscando atingir as paixões do ouvinte; já o convencimento refere-se ao argumento discursivo movido pela razão procurando dessa forma, apresentar provas lógicas e, sobretudo, induzir o discurso aos apelos inerentes ao campo da racionalidade. .Nesse sentido o jornal, com sua função de *ethos* no discurso proferido, deve veicular aos seus leitores notícias levando-se em consideração os apelos da razão (mente),

convencimento, e da emoção (coração), persuasão, uma vez que seu público-leitor é movido por essa dualidade.

### **Balzac e o surgimento do jornal**

Entender a história dos jornais e as origens do *Jornalismo* é entender a própria história do ser humano por meio de sua interação com o outro no meio social. As *Ilusões perdidas* de Balzac surge como um meio de apresentação da infância do *Jornalismo* que no seu início era composto por escritores e políticos, entre outros profissionais que o utilizavam não como uma profissão, mas como um trampolim para atingir degraus superiores. Balzac em *Ilusões perdidas* faz uma crítica contra o papel desempenhado pelo jornal (ista) da sociedade parisiense que, como o próprio romancista revela nas páginas do romance, era cúmplice de uma indústria de corrupção que favorecia todos os tipos de mazelas e de intrigas, o que, de fato, não inscrevia o *Jornalismo* com o *status quo* de um *ethos* de confiança e credibilidade.

Houve uma despersonalização do jornalista que deixou de ter opiniões próprias e passou a seguir as conveniências do próprio jornal, o que, certamente, não difere da prática jornalística da contemporaneidade no Brasil. Contudo, assim como a invenção da imprensa libertou o ser humano Ocidental do domínio da Igreja da Idade das Trevas europeia bem como os computadores da Modernidade e em especial a *internet* em suas múltiplas interfaces do isolamento local tornando-o interconectado globalmente, o jornal e mais especificamente sua forma prática – o *Jornalismo* – promoveu de maneira axiomática, na sociedade francesa da época oitocentista, a difusão da informação e da comunicação, o que de fato, favoreceu a formação de leitores e isso foi muito significativo para a massificação do *Jornalismo*.

O jornalismo francês da sociedade parisiense que fez nascer uma subliteratura – a *Crítica* – constituía uma indústria cultural dirigida e manobrada por profissionais com a ótica voltada inteiramente para o serviço de influência, as mazelas e a corrupção. Esta paraliteratura de mercado abriu as portas para um tipo de situação constrangedora: os donos do poder jornalístico passaram a ser negociantes de frases o que constituiu uma grande perda para a grande arte literária. Tudo passa a centralizar-se numa massificação desenfreada e neste sentido a Literatura, a boa Literatura, se transforma, tal qual as notícias de jornal, em algo descartável, algo que se lê hoje para no dia seguinte ser jogado no cesto de lixo mais próximo. Por

consequente, há uma nítida deterioração da arte de recriação da realidade mediante este novo meio de informação que assume a dianteira e passa a disputar o espaço de pioneiro como veículo promovedor de informações.

Por outro lado, com o surgimento do jornal, os literatos deixaram as suas “torres de marfim” para aderir a essa nova forma de arte. E passam a ter como palco e habitação permanentes os grandes centros editoriais da nova mídia e em larga medida ambientes públicos como, por exemplo, cafés, espécie de novo *meeting point* social. Lucien de Rubempré, dos personagens da *Comédia Humana* de Honoré de Balzac, rapaz provinciano da cidade de Angoulême em *Ilusões Perdidas* é o protótipo deste novo tipo de figura que passa a circular pelas ruas, salões, teatros de ópera (Balzac, 1978). Veste a armadura da engrenagem e adere à maquinação do jornal. Surge, neste momento, do desenvolvimento da imprensa, uma nova personagem que não é nem escritor, nem político, se bem que próximo um do outro. Mas uma mistura dos dois: o jornalista. Do surgimento desta nova figura consciente do seu papel se afirma a profissão e o *Jornalismo* francês entra em uma nova era com seus profissionais imbuídos neste novo mecanismo de formação ideológica do novo público leitor.

Neste meio carcomido pelo espírito de mercantilização da imprensa que dissipa e pulveriza todo compromisso ético encontra-se o destino da própria Literatura diante desta nova mídia chamada jornal, nova máquina de representação do mundo. O jornal com seu novo discurso de dominação social passa a fazer e desfazer contextos e seus profissionais têm plena consciência dos atos inescrupulosos do uso e abuso do poder que trabalha a palavra escrita. “Poder social é uma característica da relação entre grupos, classes ou outras formações sociais, ou entre as pessoas na qualidade de membros sociais” (Van Dijk, 2018, p. 41).

O surgimento e a evolução da industrial cultural editorial fazem imergir uma pugna em que os combatentes viajam no mesmo comboio, isto é, tanto a representação literária quanto a jornalística, ambas distintas formas de ficção, disputam a mimese da vida moderna. Por fim, *Ilusões Perdidas*, parte integrante da *Comédia humana* de Balzac, possui introduções, notas e orientações de Paulo Rónai. De forma a delinear a trajetória da recente indústria cultural a obra é composta de três grandes partes a saber: "Os dois poetas"; "Um grande homem da província em Paris"; "Os sofrimentos do inventor".

## O jornal enquanto meio de comunicação e informação.

Há na contemporaneidade uma grande quantidade de meios de comunicação e informação verbal (mídia primária) e não-verbal (mídia secundária), contudo, é o jornal (mídia terciária) que mais tem o poder para atingir a massificação de leitores por intermédio de suas notícias ora na sua versão escrita ora na sua versão eletrônica em todos seus formatos e interfaces. O jornal na sociedade da informação possui, portanto, um papel *sui generis*. Ainda que o jornal tenha enfrentado nesses tempos de TICs – Tecnologias de Informação de Comunicação – muita concorrência de outros meios de comunicação ele ainda tem uma “certa” supremacia quando comparado aos outros “media”. Analisar o jornal enquanto meio de comunicação e informação é fazer a análise do discurso da mídia, as especificidades dos gêneros com que formatam suas notícias e editoriais, seu modo de organização e a encenação em funcionamento no discurso da informação que se dá por meio da linguagem. Quando se fala de informação como ato de comunicação Charaudeau, 2018, p. 33) afirma que:

Se existe um fenômeno humano e social que depende precipuamente da linguagem, é o da informação. A informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume possuí-lo. (...) A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares.

Entende-se por circunstâncias de comunicação particulares a multiplicidade de formas de linguagem como atos do discurso. Assim, têm-se o discurso pedagógico, o discurso jornalístico, o discurso político e muitos outros – todos decorrentes da grande variedade tanto de gênero quanto de conteúdo discursivo que se aponta para a forma com que se estrutura a fala de uma determinada comunidade linguístico-discursiva. Todos esses tipos de discurso ecoam e possuem “vozes” que se localizam num espaço, num certo tempo e sob um determinado contexto situacional. Assim, “todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que os circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras” (Fiorin, 2008, p. 19). Quando uma notícia de jornal, referindo-se a políticos, informa no leading “É cobra engolindo cobra” o significado da expressão vai muito além das palavras que corporificam a frase. Tem significado extralinguístico, metafórico, enciclopédico, diz um coisa para dizer outra que só podem ser entendidas, do ponto de vista da informação e da comunicação, quando for submetida a um tempo, lugar e contexto situacional.

**O jornal na contemporaneidade: modelos e teoria básica do jornalismo.**

Atualmente todas as pessoas, em menor ou maior intensidade, têm acesso às notícias veiculadas pelo jornal seja na sua forma tradicional escrita seja na forma eletrônica – fruto da modernidade e evolução dos meios de comunicação e informação, todavia, ao se fazer uma retrospectiva de sua aparição torna-se possível verificar que o jornal na sociedade contemporânea, na sua versão impressa, não surgiu da noite para o dia. Ele é a mídia mais antiga de que se tem conhecimento após a invenção da imprensa feita por Johann Gutenberg (1396-1468) no século XV, mais precisamente em 1439.

De fato, o jornal desde seus primórdios contribuiu decisivamente para o surgimento das grandes mídias que se desenvolveriam nos séculos seguintes: A partir do telégrafo de Morse, o correio, e mais tarde o rádio, depois a televisão; mais adiante, com o advento do computador e de todas as interfaces, a difusão via satélite, os meios de comunicação de massa atingiram seu apogeu com o desenvolvimento da *internet*.

Quanto à sua estruturação, pode-se dizer que na contemporaneidade há modelos bem como teorias básicas de *Jornalismo*. Principais modelos de Jornalismo segundo Sousa (2010): 1º. Modelo Autoritário de Jornalismo; 2º. Modelo Ocidental de Jornalismo; 3º. Modelo Revolucionário de Jornalismo; 4º. Modelo Comunista de Jornalismo; 5º. Modelo Desenvolvimentista de Jornalismo. Sousa (2010) preconiza que o primeiro modelo de jornalismo que surge na história é o Modelo Autoritário onde atividade jornalística é sujeita ao controle direto do Estado, através do governo ou de outras instâncias que interferem diretamente nas atividades políticas, econômicas e sociais. O Brasil foi marcado por este tipo de Jornalismo durante a Ditadura Militar (1964-1985). Já o Modelo Ocidental de Jornalismo, para Sousa, é aquele que que vigora nos países democráticos capitalistas, como o Brasil, Portugal ou os Estados Unidos. Neste modelo preconiza-se que a imprensa deve ser independente do Estado e dos poderes constituídos. Ademais, as ideias de uma imprensa livre e do livre acesso à imprensa foram exportadas para todo o planeta a partir do Ocidente.

Uma das grandes críticas dos opositores do Modelo Ocidental de Jornalismo é que ele que beneficia os interesses governamentais e os grandes poderes econômicos. Já o Modelo Revolucionário de Jornalismo proposto por Sousa (2010) pretende-se, geralmente, derrubar um

sistema político e é geralmente clandestino por causa da falta de liberdade de imprensa. No Modelo Comunista de Jornalismo o Estado domina a imprensa e, normalmente, é igualmente o proprietário monopolista dos meios de comunicação e os media são, quase sempre, propriedade do Estado a serviço do sistema governamental. O Modelo Desenvolvimentista de Jornalismo é ou foi praticado nos países em vias de desenvolvimento, na sua maioria com passado colonial. Nele, segundo o mesmo autor todos os órgãos de comunicação social devem ser usados para a construção da identidade nacional.

Por fim, a teoria básica do Jornalismo centra-se, por exemplo, na própria unidade discursiva da notícia onde os acontecimentos são transformados em notícias pelo sistema jornalístico. No gatekeeping, critério de noticiabilidade, faz-se a seleção e organização da notícia que vai ser veiculada e que obedece a alguns critérios a saber: momento e frequência do acontecimento; intensidade ou magnitude de um acontecimento; clareza; consonância com as expectativas dos jornalistas e proximidade (geográfica, linguística, cultural).

## **Conclusão**

Conclusivamente, pode-se dizer que *As Ilusões perdidas* de Balzac serviu como mola-propulsora não só para a revelação do surgimento e do desenvolvimento do *Jornalismo* da sociedade francesa do século XIX, mas também como instrumento e mecanismo de denúncia contra a falta de ética da jovem mídia da sociedade parisiense. Por meio da obra balzaquiana tem-se conhecimento do *Jornalismo*, e de outros ambientes o que se torna uma “admirável ocasião para se olhar ‘atrás dos bastidores’, o da política em conluio com a imprensa, o da aristocracia conluída com a política. Por trás de tudo, o dinheiro agindo desavergonhadamente e impiedosamente” (Balzac, 1978, p. 10). Cabe aqui uma interrogação indispensável: Esta declaração do crítico de Balzac Paulo Rónai tem alguma semelhança, aliás, alguma verossimilhança com a forma com que se faz jornal na sociedade contemporânea?

Ao observar o jornal da sociedade contemporânea ocidental, mais especificamente o *Jornalismo* brasileiro, comprova-se que essa atividade onde se vive da “carne pela carne” ainda é praticada pelos jornais. Neste sentido, Balzac, parece querer retratar de maneira *sui generis* o jogo de interesses que move a sociedade burguesa, apontando que o sentimento de vingança é um dos traços fundamentais que rege a sociedade direcionada pelo espírito de mercantilização

não só dos produtos mas, sobretudo, dos sentimentos. Enfim, "o *Jornalismo* é um inferno, um abismo de iniquidades, de mentiras, de traições, que não se pode atravessar e de onde não se pode sair puro, senão protegido, com Dante, pelos louros divinos de Virgílio" (Balzac, 1978, p. 197). O jornalista para ser bem-sucedido, hoje, assim como na obra *As ilusões perdidas*, como é notório, *veste a armadura da engrenagem e adere à maquinação do jornal*. Talvez, se não fosse o gênio de Balzac, a história do *Jornalismo* na contemporaneidade fosse outra, principalmente a ligada ao seu *modus operandi*.

### Referências

Aristóteles. (2000). *Retórica das paixões*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Balzac, Honoré de. (1978). *Ilusões perdidas*. Tradução de Ernesto Pelanda e Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural

Charaudeau, Patrick. (2018). *Discurso das mídias*. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto.

\_\_\_\_\_. (2018). *O discurso político*. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto.

Ferreira, Luiz Antonio. (2010). *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Editora Contexto.

Fiorin, José Luiz. (2008). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo; Editora Ática.

Sousa, Jorge Pedro. (2006). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. 2 ed. revista e ampliada. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Van Dijk, Teun A. (2018). *Discurso e poder*. 2 ed. Tradução Judith Hoffnagel *et al.* São Paulo: Editora contexto.